

O TEATRO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: CORPO, EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ana Carla Campos de Medeiros¹

Nadia Teresinha Mota Franco²

Palavra-chave: Teatro; Formação humana; Educação; Corpo; Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais, culturais e políticas, pensar a educação implica reconhecer a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a formação humana, a justiça social e a emancipação dos sujeitos. Nesse contexto, o teatro ultrapassa a condição de linguagem artística e afirma-se como uma prática educativa capaz de promover experiências estéticas, éticas e políticas, nas quais o corpo constitui espaço de criação, diálogo, pertencimento e produção de sentidos. Ao favorecer a experimentação, a escuta e a construção coletiva do conhecimento, o teatro possibilita que diferentes sujeitos reflitam criticamente sobre suas realidades e construam novas formas de compreender e transformar o mundo.

Essa perspectiva dialoga com bell hooks, ao compreender a educação como prática de liberdade, fundamentada no diálogo, na participação e na superação das estruturas de dominação. Em consonância com essa compreensão, Paulo Freire defende uma educação problematizadora, capaz de formar sujeitos críticos e conscientes de seu papel histórico. No campo das artes cênicas, Augusto Boal amplia esse debate ao compreender o teatro como um ensaio para a transformação da realidade, enquanto Viola Spolin evidencia o potencial dos jogos teatrais na construção da autonomia, da criatividade e da aprendizagem pela experiência.

As discussões sobre corpo e identidade são aprofundadas pelas contribuições de Judith Butler, ao problematizar os processos de constituição dos sujeitos e demonstrar que os corpos também constituem espaços de resistência às normas sociais. Essa

¹ Mestranda em Direitos Humanos, Universidade Federal da Fronteira Sul, anamedeiros564@gmail.com.

² Doutora em Direito, Universidade Federal da Fronteira Sul., nadia.franco@uffs.edu.br.

compreensão articula-se às reflexões de Angela Davis, que evidencia a inseparabilidade entre raça, gênero e classe na produção das desigualdades, e de Kimberlé Crenshaw, cuja formulação da interseccionalidade amplia a compreensão sobre os múltiplos sistemas de opressão que atravessam as experiências humanas. Complementarmente, Jorge Larrosa contribui para compreender a experiência como elemento central da formação, entendendo que aprender significa ser afetado e transformado pelo vivido.

Diante dessas perspectivas, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o teatro como prática de liberdade e formação humana, analisando de que maneira as experiências teatrais podem contribuir para processos educativos comprometidos com a emancipação, o reconhecimento das diferenças e a transformação social. Trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-bibliográfica, desenvolvida a partir da análise crítica de obras que articulam educação, teatro, corpo e teorias críticas, buscando compreender o potencial do fazer teatral como experiência formativa e política.

DESENVOLVIMENTO

Compreender o teatro como prática educativa significa reconhecer que a aprendizagem não se limita aos processos cognitivos tradicionais. O conhecimento também é produzido nas experiências vividas, nas relações estabelecidas entre os sujeitos e nas formas como os corpos percebem, expressam e ressignificam o mundo. Nesse sentido, o teatro favorece uma formação que integra dimensões intelectuais, afetivas, éticas, estéticas e políticas, rompendo com modelos educativos centrados exclusivamente na transmissão de conteúdos.

Ao defender a educação como prática de liberdade, bell hooks propõe uma pedagogia fundamentada no diálogo, na escuta e na participação ativa dos sujeitos. Para a autora, ensinar é um ato de compromisso ético e político que exige reconhecer as diferenças, valorizar as experiências individuais e construir espaços educativos capazes de enfrentar as múltiplas formas de opressão. Essa perspectiva aproxima-se da pedagogia de Paulo Freire, para quem o conhecimento nasce do diálogo e da problematização da realidade, permitindo que educadores e educandos se constituam como sujeitos históricos comprometidos com a transformação social.

Nesse horizonte, o teatro torna-se um espaço privilegiado para a concretização dessas pedagogias críticas. Em Augusto Boal, a experiência teatral rompe com a

separação entre quem observa e quem atua, transformando cada participante em protagonista de sua própria história. O Teatro do Oprimido propõe que os sujeitos ensaiem, por meio da cena, novas possibilidades de enfrentamento das opressões vividas no cotidiano. O palco deixa de ser apenas um espaço de representação para tornar-se um laboratório de reflexão, criação e transformação social.

Essa compreensão encontra ressonância na proposta pedagógica de Viola Spolin, cujos jogos teatrais valorizam a improvisação, a experimentação e a construção coletiva do conhecimento. Ao vivenciar situações cênicas, os participantes desenvolvem criatividade, autonomia, escuta, cooperação e sensibilidade, compreendendo o aprendizado como um processo experiencial. Nesse contexto, o erro deixa de representar fracasso e passa a constituir parte do próprio percurso formativo.

A centralidade do corpo nessa discussão torna indispensável o diálogo com Judith Butler, cuja reflexão evidencia que os corpos não são apenas realidades biológicas, mas construções atravessadas por relações de poder, normas sociais e disputas políticas. Ao mesmo tempo, esses corpos possuem potência para resistir, reinventar identidades e produzir novos modos de existência. O teatro amplia essa potência ao criar um espaço onde diferentes experiências podem ser vividas, compartilhadas e ressignificadas.

Essa análise torna-se ainda mais consistente quando articulada às contribuições de Angela Davis e Kimberlé Crenshaw. Davis demonstra que raça, gênero e classe estruturam as desigualdades sociais e produzem diferentes formas de exclusão, enquanto Crenshaw evidencia que essas opressões atuam de maneira interdependente, exigindo uma perspectiva interseccional para compreender a realidade. Assim, pensar o teatro como prática educativa implica reconhecer que os corpos presentes na cena carregam histórias, memórias, identidades e marcadores sociais que precisam ser considerados na construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e com o reconhecimento da diversidade.

Por sua vez, Jorge Larrosa permite compreender que a experiência constitui elemento central da formação humana. Para o autor, formar-se não significa apenas acumular informações, mas permitir-se ser afetado pelo vivido. Essa concepção aproxima-se profundamente da experiência teatral, pois é na vivência, na presença, na relação com o outro e na sensibilidade que o sujeito amplia sua compreensão sobre si mesmo e sobre o mundo.

Dessa forma, o diálogo entre esses referenciais permite compreender que o teatro constitui uma prática pedagógica de liberdade, na qual o corpo deixa de ser apenas objeto da educação para tornar-se sujeito do processo educativo. Ao promover experiências de criação, escuta, pertencimento e reflexão crítica, o teatro fortalece processos de formação humana comprometidos com a justiça social, a valorização das diferenças e a construção de uma educação democrática.

RESULTADOS, AVANÇOS E REFLEXÕES

Por tratar-se de uma pesquisa em desenvolvimento, os resultados apresentados possuem caráter teórico e indicam a existência de importantes aproximações entre as pedagogias críticas, os estudos sobre corpo e as práticas teatrais. As análises realizadas evidenciam que o teatro amplia as possibilidades educativas ao integrar experiência, sensibilidade, diálogo e criticidade em um mesmo processo formativo.

Os referenciais estudados convergem ao reconhecer que a formação humana exige práticas educativas capazes de valorizar os diferentes sujeitos e enfrentar as desigualdades produzidas pelas relações de poder. Nesse contexto, o teatro revela-se um espaço privilegiado para a construção da autonomia, do pertencimento e da participação democrática, favorecendo experiências que articulam arte, educação e compromisso social.

Os avanços obtidos até o momento apontam para a necessidade de aprofundar investigações que relacionem esses referenciais teóricos a práticas concretas de educação teatral, ampliando a compreensão sobre suas contribuições para a formação de estudantes, educadores e comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste estudo reafirmam o teatro como uma prática educativa comprometida com a formação humana, capaz de integrar dimensões estéticas, éticas, políticas e sociais da experiência educativa. Ao articular as contribuições de bell hooks, Paulo Freire, Augusto Boal, Viola Spolin, Judith Butler, Angela Davis, Kimberlé Crenshaw e Jorge Larrosa, evidencia-se que o fazer teatral favorece processos de conscientização, pertencimento, criatividade, diálogo e resistência, fortalecendo uma educação comprometida com a liberdade e com a justiça social.

Mais do que uma metodologia de ensino, o teatro revela-se um espaço de encontro entre diferentes corpos, histórias e experiências, possibilitando que os sujeitos produzam novos sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Nessa perspectiva, a arte assume um papel fundamental na construção de práticas pedagógicas democráticas, inclusivas e sensíveis às múltiplas formas de existência.

Como continuidade da pesquisa, pretende-se aprofundar a articulação entre esses referenciais teóricos e experiências concretas de ensino do teatro, buscando compreender de que maneira as práticas teatrais podem contribuir para uma educação cada vez mais comprometida com a emancipação humana e com a transformação social.

REFERENCIAS

- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Disponível em: Grupo GEN – Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. Disponível em: Grupo GEN – Problemas de gênero.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011. Disponível em: Artigo na Revista Estudos Feministas.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: Boitempo – Mulheres, raça e classe.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. Disponível em: Global Editora – Pedagogia do oprimido.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. Disponível em: WMF Martins Fontes – Ensinando a transgredir.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. Disponível em: Autêntica – Tremores: escritos sobre experiência.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. Disponível em: Editora Perspectiva – Improvisação para o teatro.